



ILHAVIRTUALPONTOCOM (25)—SÃO LUÍS—DEZEMBRO DE 2015



EDITORIAL

Depois de mais de um ano sem circular, o informativo ILHAVIRTUALPONTOCOM está de volta e espera continuar com seu objetivo maior, que é a divulgação dos valores culturais do Maranhão.

Nesses treze meses de ausência, sentimos que poucas pessoas demonstraram sentir falta do Informativo e que, mesmo nós círculos literários, ele, apesar das duas dúzias de números divulgados na internet, ele ainda é quase totalmente desconhecido.

Mas também percebemos que ele faz falta para alguns leitores e pesquisadores de nossas letras. Então ele está volta. E para ficar!!!! Mantendo o padrão de edições mensais com colunas variadas, sempre com homenagem a um autor maranhense.

Neste número, o homenageado é o poeta Nauro Machado, que recentemente deixou as ruas de São Luís e as letras do Brasil menos poética, com seu passamento. Mas também temos sugestões de leituras e o tradicional Cantinho da Poesia.

Boa leitura e até o próximo mês!

EXPEDIENTE

Editor, diagramador e revisor: José Neres.

Colaboradores neste número: Carvalho Junior, José Ewerton Neto, Ricardo Leão e Lindalva Barros.

O informativo literário ILHAVIRTUALPONTOCOM começou como parte de um projeto que já foi encerrado, mas continua a ser publicado por livre iniciativa do professor e acadêmico José Neres.

O informativo não tem fins lucrativos e aceita contribuições em forma de textos que versem sobre aspectos da cultura maranhense.

POETA NAURO, NAURO POETA

JPor: José Ewerton Neto

Morto Nauro Machado, as declarações em louvor à sua memória não se demoraram em exaltações à sua obra poética, pois esta, já consolidada e sabida, disso não precisava. Com notável frequência aqui e ali, se preferiu destacar alguns aspectos singulares de sua trajetória de vida, como escritor e, principalmente, como personagem de si mesmo, com toda a refulgente abrangência que, no seu caso, isso lhe propiciou.

De todas as excepcionais virtudes de seu talento múltiplo (era também ensaísta e cronista) nenhuma terá se estratificado mais no horizonte da imortalidade do que a de ter sido um poeta na verdadeira acepção da palavra (perdoem-me o clichê) como hoje em dia já não há. Um autodidata que desde cedo, na juventude, incorporou e escolheu como objetivo maior de sua vida a dedicação ao exercício da poesia em sua totalidade e sem concessões. “A danação divina”, “a maldição benfazeja”, “o veneno da tristeza na alegria ou vice-versa”, enfim todas essas imposições que fazem parte do labor cotidiano de quem dedica sua vida a tanger os píncaros da glória, sabendo-se no entanto, torturantemente preso às amarras de sua sina: essa dedicação solitária do escritor a um ofício que é duro, mas como dura! , como ele muito bem soube destacar em versos de quem vivia e sabia do que estava falando.

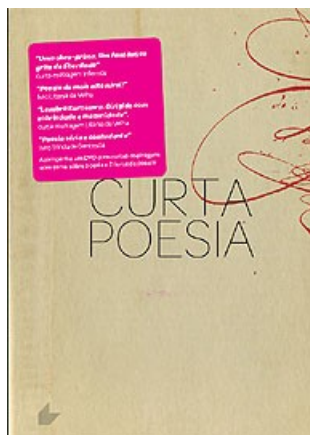
Uma das homenagens do Grupo Mirante ao poeta Nauro Machado

*“A grande aventura do poeta
Consiste em seu tão pequeno rio
A voltar para a imensa fonte dele”.*

Nauro Machado

★1935 †2015





E que poucas vezes teve sua tradução artística expressa de forma tão escancarada e sublime como no filme *Infernos*, de Frederico Machado, seu filho, quando este conseguiu, com raro talento, captar todo esse formidável compromisso de um artista (seu pai) para com sua vocação.

Ali estão o poeta andarilho, os livros que amava, a febril intensidade de sua vocação, a pulsação de seus versos em sua voz, o desapego às formalidades e às convenções quando em busca de sua liberdade poética, e a fotografia da incorporação das ruas e luzes da cidade como personagem dessa sua cruzada de forma tal que, em contrapartida acabou se tornando, ele mesmo, personagem de sua cidade, como destacaram alguns. Nauro Machado foi magnificamente feito ator de si mesmo nesse curta metragem tão premiado, evocando em seu roteiro, mesmo sem citação, os famosos versos de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor, finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente.” Quem o sucederá?

Conversávamos, eu e alguns amigos escritores, sobre essa impossibilidade. Uma plêiade de notáveis poetas continua, graças a Deus, a ritmar a pulsação do coração poético da ilha de forma que, quer queiram quer não, quer insistam em desfigura-la ou não, esta jamais se dissociará de seu destino de ser a Atenas Brasileira. No entanto, o formato de alguém transformado em sinônimo da poesia a ser apontado nas ruas por mendigos, desvalidos, boêmios, intelectuais, ou simplesmente fantasmas do cotidiano, que apontavam a Nauro Machado como se aponta a alguém de quem se percebe a aura de uma significância impalpável, já não existirá mais.

Pois os tempos modernos são plenos de velocidade, instabilidade, fragmentação e disputa pela sobrevivência e de espaço nas ruas e nas redes sociais. A poesia continuará jorrando nos intervalos dessa azáfama, mas não se espera que se aproprie e se concentre em determinados indivíduos motivados a fazer mais que de suas vidas poesia (como fez Rimbaud, por exemplo, em certa fase de sua existência) da poesia suas vidas. Como fez Nauro Machado, poeta.



JOSÉ EWERTON NETO É engenheiro e escritor. Membro da Academia Maranhense de Letras.

Texto reproduzido do Jornal O Estado do Maranhão, 03 de dezembro de 2015. Com a permissão do autor.

Em sua coluna dominical, José Sarney lamenta o falecimento de Nauro Machado

COLUNA DO SARNEY

O poeta Nauro Machado

Morreu Nauro Machado. Era o último grande poeta de sua geração. Um homem livre, um poeta em que a liberdade era essencial à obra e à vida, uma reflexo da outra - mas era a obra que refletia a vida, ou esta que refletia a obra? Desafiava, em ambas, os tabus, os limites.

Ele próprio era um poema. Feito de palavras, destino e poesia. Tudo nele refletia o coração das palavras, em que buscava a transfiguração dos sentimentos.

Ninguém, entre os grandes poetas brasileiros, teve obra mais vasta. Vasta e variada, pois dominava todas as formas poéticas, era lírico e era épico, se continha nas quatorze linhas do soneto ou se derramava nas ilimitações do verso livre. Cada um dos sonetos de "Nau de Urano" se coloca ao lado das obras-primas da lírica portuguesa. Mas podia se derramar em poemas fluviais, longos e múltiplos, como nas redondilhas de "A Rocha e a Rosca".

Poeta universal, transcendia, transcende as nossas fronteiras literárias para afirmar o lugar que é seu.

Seus mais de trinta e cinco livros - há muito perdi a conta, mas mantive sempre o gosto de lê-los - constituíam um desafio, no medo de secar a voz. Não com Nauro. Nele, ela continuava fonte pura e abundante, insecável. E insaciável, na busca do encontro e da revelação.

O humano, o frágil, o sutil enredo da existência era o seu pão cotidiano, em que invertia a frase de Baudelaire, de que "a poesia é tão necessária como o pão", para transformá-la em "fazer a poesia é tão necessário quanto dar o pão". Angústias, dores, verdades, faziam parte do cotidiano do grande boêmio. E a busca de Deus, o que chamou de necessidade do divino.

Amou, viveu, compartilhou a cidade de São Luís, de que foi intérprete e demiurgo, oráculo e arauto, voz que a compreendeu profundamente e a revelou.

Em "A Província", Nauro mostrou que seu domínio da poesia ia além da própria linguagem poética. Antologia de artigos e crônicas, o livro é uma memória da cidade de São Luís, de sua vivência e interação com o cotidiano, de sua visão de boêmio e de poeta. Surge uma cidade que todos nós temos a nostalgia de pensar que existiu e não existe mais. Os tipos humanos que descreveu e recriou com pinceladas de cores baças pela névoa do tempo. Ele é indispensável para quem deseja estudar os costumes, a sociedade, a vida e picardia da nossa São Luís.

Sua poesia exprime, e muito, o sentimento humano. Está impregnada do humano, conta os enredos mais profundos da cidade e da vida. É a própria vida, com suas dores, com suas angústias, com suas verdades, que fala.

Nauro não se calou. Ele permanece nessas palavras que são ele mesmo, são ele na busca e no encontro, no querer e no alcançar.

Nauro Machado e sua esposa Arlete Nogueira da Cruz (fonte da imagem: internet)



80 NAUROS DE POESIA

Por JOSÉ NERES

(Professor, escritor e membro da Academia Maranhense de Letras)

Acreditamos que os artistas devem ser homenageados ainda em vida, embora mereçam também todas as homenagens póstumas. Por isso, publicamos diversos artigos sobre ele—seis no total. Aqui está reproduzida a lembrança de seu 80º aniversário, em um texto publicado em O Estado do Maranhão.

Praticamente todas as ruas, praças, becos e pedras de São Luís estão impregnados do olhar, dos passos e dos versos do grande poeta Nauro Machado, um dos mais argutos críticos da cidade e, ao mesmo tempo, um de seus maiores defensores.

Dono de uma singularíssima dicção poética, Nauro Machado começou a publicar seus poemas há quase seis décadas, quando, em 1958, trouxe à luz seu livro de estreia – *Campo sem Base*, no qual já é possível encontrar um de seus mais emblemáticos poemas: *O Parto*, em cujos versos já traz uma espécie de profissão de fé do que seriam seus poemas a partir daquele momento. O então estreante já tinha consciência de que habitam no mesmo ser um Homem e um Poeta, mas que só deles um pode aspirar à completude, pois o lado poesia do ser humano está sempre em construção, “é duro e dura/ e consome toda/ uma existência”.

A partir desse primeiro livro, uma profusão de outros textos de autoria do vate maranhense inundou a vida poética da Cidade. Mas essa inundação de palavras, imagens, cores e versos não se limitou à Ilha e acabou transbordando para outros pontos do estado, do Brasil e de outros países, tornando Nauro Machado um dos mais conhecidos poetas maranhenses do mundo a partir do último quartel do século XX e no início do XXI.

Autodidata, Nauro Machado fez do contato com grandes nomes da literatura universal a sua escola e sua universidade. Sua poética dialoga em altíssimo nível com o que temos de melhor na obra dos grandes mestres da literatura de diversas nacionalidades e épocas. Em uma leitura mais atenta é possível perceber em seus textos traços da vivência diária com grandes poetas como Mallarmé, Cummings, Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos, Gonçalves Dias e Ezra Pound. Mas sempre com respeito à própria identidade na construção dos versos.

A princípio, no entanto, a obra do autor de *O Exercício do Caos* foi considerada estranha, principalmente dentro de sua própria província, e recebeu a pecha de hermética, indecifrável ou ininteligível. De maneira paradoxal, o mesmo autor cultuado como dono de versos geniais por críticos de altíssimo nível em diversos eventos no Brasil e no exterior era um quase desconhecido em sua própria terra. Essa distorção começou a ser corrigida quando alguns estudiosos locais começaram a perceber que a obra de Nauro Machado poderia transformar-se em um vasto campo para pesquisa e para análises.

Estudos como os de Maria de Nazaré Cassas de Lima Lobato (*A Revelação de Nauro Machado*), Ricardo Leão (*Tradição e Ruptura: A Lírica Moderna de Nauro Machado*) e Antônio Ailton (*A Humanologia do Eterno Empenho*) vieram a somar-se a outros nomes que já eram referência nos estudos literários e que admiravam a obra Naurena, como, por exemplo, Nelly Novaes Coelho, Assis Brasil, Carlos Nejar, Pedro Lyra, Fábio Lucas e Paschoal Motta, servindo como ponte de divulgação da obra do poeta e o público em geral.

O poeta Antônio Ailton, com Nauro Machado e Arlete Nogueira. Fonte da imagem: Arquivo pessoal de Antônio Ailton



Mesmo assim, com quase meia centena de livros publicados, dezenas de prêmios e honorários recebidos e uma carreira de sucesso, muitas pessoas que diariamente cruzam com ele pelas ruas de São Luís não sabem que aquele homem de olhos claros, aproximadamente 1,70m de altura, jeito calado, olhar enigmático e passos decididos, munido de seu guarda-chuva e de sua pasta cheia de livros é uma das maiores referências poéticas da atualidade. Então as pessoas passam como se passassem por um transeunte qualquer e nem imaginam que tiveram a honra de passar por um homem que leva em sua bagagem a fina flor da poesia.

Agora, em seu octogésimo aniversário, esse homem nascido no dia 02 de agosto de 1935, filho do senhor Torquato Rodrigues Machado e Maria de Lourdes Diniz, esposo da professora e também escritora Arlete Nogueira, pai do cineasta Frederico Machado, autor de inúmeros poemas e que enfrentou com galhardia enfermidades, indiferenças e até mesmo maledicências, ao atravessar calmamente a Praça, pode ter a certeza de que seu nome já faz parte da história de nossa literatura e de que a cidade que ele cantou em tantos versos se entranha mais e mais a cada segundo nas páginas de seus livros.

Nauro Machado autografando seu livro para o presidente da Academia Maranhense de Letras, Benedito Buzar (fonte da imagem: internet)



O Maranhão, e, particularmente, São Luís, perdeu o seu maior poeta, e eu perco a companhia do mestre que inspirou-me a existência inteira, inclusive para compor o que chamo, precariamente, de obra. Minha terra, onde tantas ingratidões e injustiças acontecem, ainda carrega a sorte, a sina, o destino benfazejo de ser soprada por vozes geniais que a traduzem para o mundo. São Luís não é apenas um local, um bairro, uma cidade, uma província. Nauro, com sua obra, tornou-a imortal, tornou-a uma aldeia global, um *locus* aberto para o mundo, para o cosmopolitismo, para a humanidade. São Luís, na obra de Nauro, é, indiscutivelmente, patrimônio lírico do mundo, assim como a lírica de Nauro tornou-se, com o tempo, patrimônio lírico da humanidade.

Tantas vezes, andando pelas ruas de São Luís, quando jovem, torcia para ter um desses encontros memoráveis que tinha com o maior vate de minha terra natal. Conheci sua obra quando, ainda jovem rapaz, embebido de outras leituras, uma amiga trouxe-me o livro de sonetos *Orbitas da água*, na antiga década de 80, na Escola Modelo, e pude testemunhar, pela primeira, a beleza furiosa, violenta, arrebatadora e absolutamente genial de seus versos. Porque não há outra palavra que defina, com precisão, o que Nauro foi e é: a expressão consumada do gênio poético. Isso o disse-me um amigo, também poeta à época, quando o leu. Isso o confirmei ao longo dos anos, diante de um monumento impressionante que é sua vasta produção lírica, que a cada ano assombrava-se com seu fôlego, sua fecundidade fenomenal, seu sopro de existencialismo e profundidade angustiantes, sua dimensão absolutamente imensurável e de inquestionável superioridade e sublime. Fui tocado para sempre com a fúria comovente de seus versos, cuja força fazia-me apenas lembrar os grandes poetas do mundo.

AINDA UMA VEZ MAIS, ADEUS, NAURO

Por Ricardo Leão

RICARDO LEÃO é professor, ensaísta e crítico literário

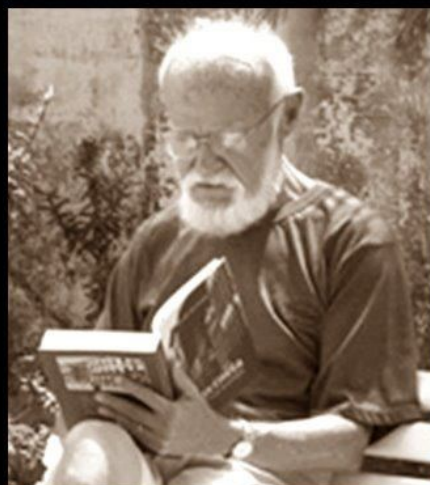
Artigo publicado no jornal O Estado do Maranhão, 06 de dezembro de 2015. Reproduzido aqui com a permissão do autor

Uma das muitas homenagens ao poeta Nauro Machado. Fonte: arquivo do Ilhavirtualpontocom

HOMENAGEM 1

Urano à terra alinhado...
A luz ofusca o campo sem base
E, no rimar da última frase,
Reluz o brilho de um Machado.

José Neres



Fonte da Foto: Jornal O Imparcial

E era isso que deixava-me sempre feliz quando o via. Saber que estava caminhando na mesma época, no mesmo lugar, de um gênio à feitura de poetas como Baudelaire, como Pessoa, como Rimbaud, como Augusto dos Anjos, como tantos outros. E em São Luís, minha terra natal. Não tardou para que eu o procurasse, em busca de sua sabedoria, de sua iluminação, querendo a fórmula daquele enigma, daquela esfinge de poesia. Queria tornar-me poeta, aprender com o mestre. Faz anos que, em 1987, aos 16 de idade, fui encontrá-lo na Secretaria de Cultura do Estado, quando Laura Amélia Damous a comandava, e o vi lá, cercado de outros poetas e escritores que também admirava, como José Chagas, Chagas Val, Alberico Carneiro, Wilson Martins, entre tantos. Tudo que perguntei foi objetivo, direto: queria saber como se fazia para se tornar um grande poeta, à feitura de uma pergunta que Franz Xavier Kapus fez a Rainer Maria Rilke. Só que eu não tinha versos ainda para apresentar. Nauro foi lacônico, mas magistral: "Leia muito. Pesquise muito. Escreva muito." Essa frase foi suficiente para se apossar de minha existência inteira, e até hoje a repito como mantra à minha consciência.

Daí em diante, a admiração não cessou de crescer. Não o procurei mais por anos, pois sentia que devia recolher-me ao aprendizado, ao laboratório, à leitura, à pesquisa, à escrita. Descobri então o segredo da fórmula de Nauro: é preciso repeti-la e treiná-la para sempre. A leitura nunca cessa, a pesquisa nunca cessa, a escrita nunca cessa. É necessário sempre voltar ao começo, sempre reaprender, sempre ler, sempre pesquisar, sempre escrever. Muito. Muitíssimo. Para todo o sempre. Tal como Nauro fazia. E assim o fiz.

Com o tempo, com a minha formação, tornou-se natural que nos aproximássemos, que nos tornássemos amigos, que nos tornássemos próximos. Foi crescendo e pulsando em mim aquele afeto verdadeiro, não apenas de amigo, de leitor, de admirador, mas também da proximidade espiritual que nos unia a ambos. Tornei-me também o defensor de sua obra, um de seus divulgadores, um de seus críticos. E isso alargou a ponte entre nós, de modo que, ao correr dos anos, tornei-me íntimo do casal, e depois da família toda, e os trazia sempre em minhas mais caras e prezadas lembranças.

Ainda tenho na memória a lembrança fulgurante de muitos momentos. Lembro-me certa vez, quando lia uma obrinha em francês, na Praça da Saudade, para a minha monografia de graduação, quando Nauro apareceu abruptamente, tomou-me o livro das mãos, e começou a lê-lo em voz alta, declinando o francês que tinha aprendido em sua formação escolar. Conversamos sobre existencialismo, Sartre, Camus. Outra vez, já em outro nível de nossa amizade, com livro publicado sobre ele, passeamos pela São Luís da primeira década do século XXI em seu Fusca, que vi enferrujar e desfazer-se na casa da Rua dos Prazeres, para tornar-se, depois, um poema em seu livro *Percurso de sombras* (2013), certamente um de seus melhores. Mas são tantos os livros geniais de Nauro. Tantos poemas geniais, numa obra absurdamente genial. Um gênio. Um gênio.

O que posso eu dizer aos meus conterrâneos, aos meus irmãos de palavra e lírica? Aos meus irmãos de sangue, de afeto, de pertença? Eu só posso dizer que leiam e preservem a memória de nosso gigante. Nauro, sem sombra de dúvidas, construiu uma obra, com o seu ser e toda a sua existência, totalmente voltada para explorar a sua consciência, o seu ser, mas também voltada para o seu povo, para a sua terra, para o Maranhão, para São Luís. Da mesma forma que Fernando Pessoa alçou Portugal novamente ao cenário mundial com sua obra, Nauro projetará São Luís para o mundo com sua poesia. O que peço ao meu povo, aos meus pares, ao Maranhão, a São Luís, é uma coisa somente: ouçamos a voz de Nauro. Através dela, nós seremos grandes. Imensuravelmente grandes.

Nauro Machado, Benedito Buzar e Ricardo Leão, na homenagem aos 80 anos do poeta, comemorado na Academia Maranhense de Letras em agosto de 2015. Fonte da imagem: internet



CANTINHO DA POESIA

NAURO EM URANO

Ricardo Leão



RICARDO LEÃO é professor, poeta e ensaísta. Autor de *Tradição e Ruptura : A Lírica Moderna de Nauro Machado*.

No mês de Urano,
A morte em luto,
Não vi os anjos.

O corpo bruto,
Por sob os panos,
Tornou-se abrupto.

O corpo ausente,
No mês de Urano,
Quedou silente.

Em gesto lhano,
A própria mente
Cobriu-se em prantos.

A cidade nula,
No mês de Urano,
Tornou-se chuva.

Em qualquer plano,
Da mão à luva,
Foi tudo engano.

A boca surda,
No mês de Urano,
Repetiu um sutra.

Em perda e ganho,
A morte suja
Fez noite em Samos.

As cantarias,
No mês de Urano,
Choram às bicas.

Os mudos pianos,
As casas ricas,
Já não se ufanam.

Homem do mundo,
No mês de Urano,
Não sou Raimundo.

Tampouco chamo
No caos ao fundo
Qualquer fulano.

As pedras mudas
No mês de Urano,
Não estão juntas.

Já sem estanho,
Agora viúvas,
No chão urbano.

Um poeta tímido,
No mês de Urano,
Não está comigo.

O gesto amplo,
O ombro amigo,
O riso quântico.

Ao fim do ano
O tempo é mínimo
Ao mais decano.

O verso infindo,
De nau a urânio,
Não é mais lindo.

No mês de Urano,
Agora findo,
Não vi o humano.

CANTINHO DA POESIA II

AO SOM DA FLAUTA

(Para Nauro Machado)

Lindalva Barros



Nas mãos que me carregam
Ouço o som do além
Vejo flores à minha volta
Esgotando meu perfume
E em cada sorriso e
Palavra que deixei
Algum silêncio...
Algum ruído que existiu

Aqui estou na PAZ
De um florescer
ETERNO.

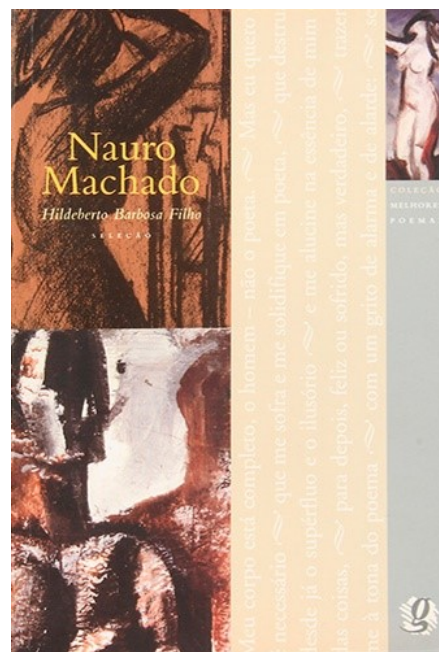
LINDALVA BARROS é professora e poetisa. Autora de *Palavras ao Vento*.

Lindalva Barros e Joaquim Gomes ao lado do poeta Nauro Machado



SUGESTÃO DE LEITURA

O livro ***Os Melhores Poemas de Nauro Machado*** (Global Editora, 2005, 228 p), organizado pelo professor Hildeberto Barbosa, é uma ótima forma de ter um contato inicial com a obra de Nauro Machado. No livro, o organizador, além de selecionar alguns dos mais significativos poemas do grande escritor maranhense, faz também um estudo introdutório que pode ajudar os leitores menos acostumados com a poética naureana na compreensão de sua vasta obra.



Mont'Alverne Frota, Laura Amélis Damous, Francisco Saldanha, Edwilson Bezerra e Joaquim Gomes na noite de autógrafos de O Pó do Póster. Fonte: arquivo do Ilhavirtualpontocom



CANTINHO DA POESIA III

Na noite de 04 de dezembro de 2015, na UEMA, foi realizada a final de Poesia do I Festival Maranhense

de Conto e Poesia (Festmacpo) promovido pela Universidade Estadual do Maranhão.

Depois de uma acirrada disputa, o primeiro lugar de Poesia foi para o porta caxiense Carvalho Junior, que escreveu e recitou o poema **Cla-rão**, e foi agraciado com o Troféu Nauro Machado. Com a permissão do autor, transcrevemos o texto vencedor na página seguinte





CLARÃO

(Carvalho Junior)

a fome — ave de rapina —
fita o que nos desalimenta,
cada farelo que nos
consome:

os ásperos grãos

de pão,
de guerras,
de prêmios,
de dinheiro,
de poder...

caberia tudo
num só clarão de espanto
ou num bater de asas sovinas?

a fome, de modo inclemente,
mata com pílulas de culpa,
de exílios e silêncios
cortantes!

um sonho de capa de jornal:
em fase de inapetência e
autoflagelo,

a fome suicida-se,
com uma garfada,
no fundo da vasilha
em que jantava vazios

